

A graciosa flor da árvore dos

Cubas

Sheyla Maria Lima Oliveira¹

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Resumo

Neste artigo, buscamos analisar a criança como categoria analítica. Para tanto, fazemos uma leitura de dois capítulos da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que foi publicada em forma de livro em 1881, desde então, o romance é considerado pela crítica como o marco do realismo no Brasil. Nesta obra, assim como em outras, Machado de Assis chama a atenção não apenas pela conduta humana dos seus personagens adultos, mas também quando estes são crianças, de modo que a infância é representada sob uma perspectiva diferente daquela que costumamos encontrar em obras literárias. Nos capítulos selecionados, Brás Cubas rememora sua infância desde o nascimento, assim, de acordo com nosso herói, as “traquinagens”, as expectativas em volta de si, e a educação que recebe em seu núcleo familiar são responsáveis pela formação de seu caráter marcado por conflitos e fracassos. Desta sorte, fundamentados na fortuna crítica do romancista, a exemplo de Alfredo Bosi (2015), Roberto Schwarz (2012), Raymundo Faoro (2001) e Antonio Candido (2011), objetivamos contribuir com as discussões acerca da representação de personagens crianças em narrativas machadianas.

Palavras-chave

Machado de Assis. Criança. Personagem.

¹ Graduada em Letras - Língua Portuguesa - UEPB. Especialista em Literatura e Ensino - IFRN, em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça - UFPB e, ainda, em Educação em Direitos Humanos também pela UFPB. Mestranda em Letras no Programa de Pós - graduação em Letras da UFPB.

Introdução

“O menino é pai do homem”.
(Machado de Assis)

Página | 35

Estudiosos e leitores de Machado de Assis sabem que os contextos históricos e sociais estão fortemente presentes na construção de seus textos realistas, escritos na fase que a crítica chamou de maturidade. O romance aqui em estudo marca a divisão entre as fases machadianas: a romântica e a realista, além de inaugurar o movimento literário do realismo no Brasil. Em *História concisa da literatura brasileira*, Alfredo Bosi (2015, p.184) afirma a importância do autor: “O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis”.

Desde a recepção das obras machadianas, ainda no século XIX, tem surgido muitos estudos, em diferentes áreas. Um dos mais atuais e importantes que compõem a fortuna crítica do autor é do professor Hélio Seixas Guimarães que, no prefácio da edição publicada em 2014, classifica as *Memórias póstumas de Brás Cubas* como “uma prosa fragmentária e livre, mistura de elegância e abuso, refinamento e mau gosto, com referências a torto e a direito a autores e obras dos mais variados tempos e lugares” (GUIMARÃES, 2014, p.12).

Neste romance, observamos vários trechos nos quais Machado mostra como a morte ronda e circunscreve a vida humana, de forma que uma das características que definem o caráter de Brás é o humorismo cético, que o singulariza, substancialmente, na literatura brasileira, e intriga milhões de leitores até hoje, para o crítico Roberto Schwarz: “O caráter forçado deste humorismo salta aos olhos e terá vexado muitos leitores. Entretanto, o curso do livro não só o resgata, como o valoriza ao extremo [...]” (SCHWRAZ, 2012, p. 30).

O protagonista Brás Cubas, confortável, por não estar mais vivendo no mundo burguês ao qual pertencia, escreve do mundo dos mortos “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia” (ASSIS, 2014, p. 31). Assim, o leitor passa a conhecer a história de um homem burguês, inquieto entre o desejo e a realização, ou seja, vive, mas não consegue realizar suas aspirações. Com efeito, a cobiça, a inveja, a ambição, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor e a loucura o agitam. Em seus estudos sobre a forma do romance e a feição social do narrador das *Memórias*, Schwarz nos informa que:

Passam diante de nós as estações da vida de um brasileiro rico e desocupado: nascimento, o ambiente da primeira infância, estudos de Direito em Coimbra, amores de diferentes tipos, veleidades literárias, políticas, filosóficas, científicas, e por fim a morte. Estão ausentes do percurso o trabalho e qualquer forma de projeto consistente (SCHWRAZ, 2012, p. 63).

Ao analisar as obras de Machado de Assis, principalmente a partir dos escritos realistas, percebemos que os caracteres históricos e culturais são fundamentais para caracterizar o perfil dos heróis machadianos, assim, o autor usa sua ironia peculiar para desmascarar os aspectos mais corruptos dos homens e os medíocres comportamentos sociais da classe que detinha o poder no século XIX: “Brás Cubas é o homem que engana: engana a família, engana os amigos, engana a si mesmo e engana a sociedade. Está em fuga, justificando-se a cada passo [...]” (FAORO, 2001, p. 233). Nessa mesma perspectiva, o crítico Antonio Candido acentua que:

Pela sua obra toda há um senso profundo, nada documentário, do *status*, do duelo dos salões, do movimento das camadas, da potência do dinheiro. O ganho, o lucro, o prestígio, a soberania do interesse são molas dos seus personagens, aparecendo em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, avultando em *Esau e Jacó*, predominando em *Quincas Borba*, sempre transformado em modos de ser e de fazer. E os mais desagradáveis, os mais terríveis dos seus personagens, são homens de corte burguês impecável, perfeitamente entrosados nos *mores* de sua classe (CANDIDO, 2011, p. 31).

Vale ressaltar que, no século XIX, historicamente, com a ascensão das classes dominantes, as crianças ocupavam o centro do núcleo familiar, preocupando os pais burgueses, visto que os filhos eram o futuro da família, os que deviam continuar a acumulação do capital. Nesse sentido, os filhos pertenciam também a nação, sendo futuros cidadãos, carregavam, assim, as mais altas expectativas de cumprir os anseios burgueses dos seus pais: “Lavado e enfaixado, fui desde logo o herói da nossa casa. Cada qual prognosticava a meu respeito o que mais lhe quadrava ao sabor” (ASSIS, 2014, p. 59).

Na obra em estudo, Machado demonstra isso de maneira cínica, através de Brás criança, na tentativa de convencer ao leitor de que o seu mau-caratismo vem desde a infância, do meio doméstico, do temperamento herdado e da educação que teve, na qual aprendeu a não conhecer normas e obedecer só aos próprios caprichos, nos quais: “as finalidades cansam e são perecíveis como tudo mais, e se elas vivem é precariamente” (SCHWARZ, 2012, p. 198):

De manhã, antes do mingau, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara, e exclamava a rir: “Ah! Brejeiro! Ah! Brejeiro!”. Sim, meu pai adorava-me (ASSIS, 2014, p. 63).

Nossa metodologia está firmada em uma leitura imanente² da obra, assim, a partir da observação dos aspectos sociais do mundo externo que rodeia Brás Cubas, em sua infância, pautamos a análise. Há poucos trabalhos, entre textos teóricos e críticos, que abordam ou analisam, especificamente, a representação da criança na literatura brasileira, ou melhor, a categoria analítica personagem-criança em narrativas ficcionais de Machado de Assis. Geralmente, os que estão disponíveis tratam de temáticas como: educação ou deseducação no século XIX, e ainda sobre a criança negra na sociedade escravista. Encontramos apenas algumas análises acerca da infância com base no princípio de formação aristotélico (moldar a criança para se obter o homem), e outras que abordam o mito da infância pela estética romântica, com base na teorização de Rousseau acerca da primeira idade. Com efeito, consideramos aspectos importantes para nossa análise o estrato social, ou seja, a classe social na qual a criança se desenvolve, o estrato etário, além da posição que o personagem ocupa no enredo.

1. Menino diabo: a representação da criança nos escritos machadianos

Não apenas em seus romances, mas nos demais gêneros que escreveu, a criança rica ou pobre, escrava ou não, foi personagem importante nas tramas de Machado de Assis, este traçou alguns perfis que, ainda na contemporaneidade rende estudos. Todavia, adotando a mesma postura que tem em relação aos personagens adultos, Machado não rotulou as crianças em seus escritos, deixando para o leitor essa tarefa de refletir sobre o herói humano, seus problemas sociais e os julgamentos de classe. Dessa forma, Alfredo Bosi aponta que:

A revolução dessa obra, que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas (BOSI, 2015, p. 187).

² Utilizo o método da leitura imanente por acreditar que a interlocução com o texto revela não só o que é narrado pelo defunto autor, mas revela também, de forma indireta, através do cinismo típico machadiano e da volubilidade do narrador, o mundo externo de Brás Cubas.

Deste romance, que ocupa o centro da produção machadiana, nos interessa, por agora, o capítulo “X – Naquele dia” e o “XI – O menino é pai do homem” que, especificamente, tratam da primeira infância do protagonista, desde o dia do seu nascimento. Ao fazer uma leitura dos referidos capítulos, buscamos demonstrar como a criança é representada na obra em estudo visto que, para a pedagogia, a infância é uma fase fundamental que constitui o ser humano.

Nesse sentido, através do personagem Brás, Machado apresenta a formação da criança nobre, já munida de preconceitos de classe, desprezo pela dignidade do outro e crueldade, aspectos que desenharam o caráter do herói desde cedo, fato que fica demonstrado nas relações que o “brejeiro” estabelece com os outros, e de modo mais intenso com o Prudêncio, filho de escravos, sempre “animalizado” para satisfazer os caprichos do herdeiro dos Cubas:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia – algumas vezes gemendo – mas obedecia, sem dizer palavra, ou, quando muito, um “Ai, nhonhô!”, ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta!” (ASSIS, 2014, p. 62-63).

Com efeito, evidencia-se não apenas os aspectos literários, mas também os aspectos sociais na obra machadiana, visto que, através da leitura, podemos dar significado ao apagamento da infância nos moldes burgueses do século XIX, pois a infância de Prudêncio, e de tantos outros filhos de escravos, foi sequestrada pelo período escravocrata do Brasil.

O enredo das *Memórias póstumas* não segue uma ordem cronológica, fato que não surpreende, já que é um defunto autor que escreve de seu túmulo, nada mais óbvio que comece a história pelo fim de sua vida, após sua famosa dedicatória “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas *Memórias Póstumas*”. Com efeito, o primeiro capítulo é exatamente o “Óbito do autor”, nos capítulos que antecedem os dois que analisamos aqui, Brás descreve a sua morte e fala dos seus últimos momentos, do delírio antes de morrer, do emplasto, das despedidas e a cena do enterro, só depois ele rememora o dia de seu nascimento e começa a contar sua vida burguesa que é permeada de fracassos até o fim. Roberto Schwarz afirma que

nenhum dos ímpetos de Brás Cubas é levado adiante. De forma que seu perfil no enredo, é marcado por “veleidades derrotadas”.

Ao tratar da primeira infância, no capítulo X, o próprio anúncio do nascimento de Brás Cubas “Naquele dia, a árvore dos Cubas brotou uma graciosa flor. Nasci;” (ASSIS, 2014, p. 59) já traz consigo o efeito da ironia machadiana ao representar o protagonista criança, que de gracioso não tem nada. Ao apresentar a família Cubas, Machado também apresenta ao leitor o perfil da instituição familiar do século XIX. De forma irônica conhecemos os prognósticos de todos acerca do futuro do recém-nascido: “um certo olhar Bonaparte”, “Cônego... um bispo”. Roberto Schwarz, ao resumir a família Cubas destaca: “[...] o riqueza que tudo permite a seu filho e herdeiro, a santa senhora enfiada em casa com as suas superstições, a sexualidade de arrabalde e senzala do tio João, o catolicismo detalhista, obediente e vazio do cônego” (SCHWARZ, 2012, p. 131).

Dessa forma, ao voltar as memórias da infância, o narrador busca elementos que expliquem o caráter deturpado que caracteriza o jovem e o adulto Brás Cubas, de modo que o contexto social e a instituição familiar teriam o poder de plasmar, já a partir da infância, o perfil do herói machadiano. Este, marcado por conflitos e frustrações consigo mesmo e com sua classe: “Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares” (ASSIS, 2014, p. 63).

Ao dialogar entre ficção e história, Brás Cubas narra sua primeira infância e mostra a arrogância da criança rica que, durante o regime imperial, já nasce possuidora de um poder, além de exibir também a prepotência de um sistema burguês que ignorava qualquer sentido de humanidade para com os outros que não tinham sangue de fidalgos nas veias:

Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos (ASSIS, 2014, p. 62).

Nesse trecho do capítulo XI, o narrador acentua seu cinismo atribuindo a culpa a escrava, além de apresentar também uma agressividade gratuita, que era respaldada pela relação senhor-escravo. Assim como na relação com Prudêncio, Machado

aproveita esses episódios da infância, para criticar expressamente a família enquanto instituição de poder, visto que a mesma enaltece o pequeno fidalgo que, com seis anos já apresenta um grave desvio de caráter, ao subjugar as pessoas de seu âmbito familiar:

Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel nas pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos (ASSIS, 2014, p. 63).

Através da experiência de representar uma criança da elite brasileira do século XIX, Machado demonstra que as qualidades mesquinhas do personagem Brás Cubas já se apresentam na primeira infância, sendo a criança um modelo de todas as contradições que irão aparecer mais na frente, quando o herói está na fase adulta. Morto, o narrador tenta justificar seus erros e redimir os fracassos de seu caráter, narrando o modo como a família reagia em todas as suas traquinagens. Nesse sentido, Roberto Schwarz afirma que é, verdadeiramente, do meio doméstico que se explica o caráter do protagonista Brás Cubas:

Voltando às relações familiares, o pai namora-se no filho, sobretudo em seus malfeitos, que funcionam como extensão grandiosa da impunidade do primeiro. Atropelar a dignidade do próximo e viver como manda o capricho são condutas que parecem indicar uma existência acima da lei. [...] E de fato, o embevecimento paterno diante dos abusos do herdeiro excede o lugar-comum a respeito da cegueira do amor: isto porque inclui uma inflexão social cujo travo está na prepotência dos ricos e na situação histórica de que esta é parte (SCHWARZ, 2012, p. 133).

Desta sorte, observamos que o perfil do protagonista adulto Brás Cubas constituído por fracassos, conflitos e negativas já está marcado desde a infância do menino diabo: “Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de ‘menino diabo’; e verdadeiramente não era outra cousa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso” (ASSIS, 2014, p. 62). A intenção de Machado ao nos contar sobre a infância do herói, é satirizar, com ironia e cinismo próprios de seu estilo, o romantismo, uma vez que a estética romântica abordava a categoria analítica da criança com sentimentos nobres e puros. Assim, a figura da criança era representada poeticamente, como uma fase de renovação, e pureza para o adulto. Sobre as alfinetadas no romantismo e mudanças na prosa machadiana, Alfredo Bosi argumenta que Machado:

[...] deixará vir à tona os mil e um interesses de posição, prestígio e dinheiro, dando a batuta à libido e à vontade de poder que mais profundamente regem os passos do homem em sociedade. [...] não há mais heróis a cumprir missões ou a afirmar a própria vontade; há apenas destinos, destinos sem grandeza (BOSI, 2015, p. 191).

Se compararmos o “cavalo de todos os dias” com a “graciosa flor”, percebemos que Machado, ao situar o lugar da criança no contexto nacional oitocentista, escancara a anulação da dignidade humana do escravo e, desse modo, utiliza a arrogância do cínico rebento dos Cubas para exibir a prepotência de um sistema tão pérfido, dissimulado, ocioso, obscuro e egoísta quanto o protagonista machadiano, que tem esse caráter marcado pelas expectativas de sua família burguesa que, desde os primeiros dias de vida, o enxerga com as honras de um verdadeiro herói épico.

No que se refere a criança como categoria analítica, não é apenas em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que Machado de Assis usa seu herói para mostrar a fase da infância com pessimismo e crueldade. Vale ressaltar que a criança está presente na obra machadiana desde a época em que ele publicava em jornais. Dessa forma, outros escritos machadianos a exemplo dos romances: *Quincas Borba* (1891) em que um bando de crianças escarnece do protagonista Rubião, entre estas crianças está o cruel Deolindo que é salvo por Rubião de um atropelamento; *Esau e Jacó* (1904), com os conflitos mostrados ao redor da dualidade dos personagens Pedro e Paulo, que se manifestavam desde o útero da mãe; e lembramos, ainda, da obstinação de Bento em *Dom Casmurro* (1899), que tenta justificar a “traição”, em um episódio no qual ele lança mão da memória para insinuar o caráter de Capitu desde a infância; também levam o leitor a refletir sobre o cotidiano e a educação das crianças no âmbito da instituição familiar durante o regime do Império, o autor tanto mostra a realidade das crianças burguesas, quanto das demais crianças livres ou não, cada uma ao sabor de sua rotina massacrante, em classes sociais diferentes.

Assim, são romances, crônicas e contos que, de alguma forma, vão assinalar um caráter infantil permeado por conflitos, ironia e cinismo, afastando a visão romântica de pureza e inocência da criança machadiana, principalmente de personagens como Brás Cubas que, apesar dos privilégios de sua classe, não consegue vencer na vida, frustra as expectativas da família Cubas, além de degradar a camada social dominante, assim, o

leitor de Machado de Assis, tem uma posição de indignação ao ler as memórias do defunto autor.

Com efeito, podemos observar que Machado utiliza a figura da criança também para apresentar a ironia e o cinismo próprios de seu estilo. Ao analisar as *Memórias póstumas* com foco na categoria criança, percebemos que a infância aparece sob uma perspectiva não infantilizada. No referido romance, por exemplo, o primeiro aspecto que nos chama atenção é o espaço doméstico e a expectativa de seus familiares em torno do futuro de Brás Cubas desde seu nascimento, principalmente o pai que sempre deu total cobertura às travessuras e perversidades do filho na infância e na adolescência. Ao contar sua história Brás pretende nos direcionar a interpretar que sua infância é uma fase definidora no que concerne ao reconhecimento de si mesmo enquanto homem, da formação do seu caráter medíocre e dos seus fracassos enquanto estava vivo.

Conclusão

Destarte, no relato das memórias do menino diabo, Machado mostra que o perfil do seu herói nada clássico, já é formado a partir das expectativas e educação que recebe na sua infância de traquinagens e maldades: “O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada – vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu essa flor”. (ASSIS, 2014, p. 65).

Com efeito, a obra de Machado de Assis se mantém atual porque, o autor apresenta, ainda que sutilmente e ironicamente, questões sociais que, desde o século XIX, provocam estudiosos a refletirem de modo cada vez mais denso sobre aspectos, infelizmente, ainda presentes em nosso cotidiano. A partir do personagem Brás Cubas, por exemplo, questões como: será que o “eu adulto” do personagem já é plasmado a partir dos aspectos que aparecem no “eu criança”? E ainda, será mesmo que o mundo externo, como o núcleo familiar, pode ser determinante na constituição do perfil e/ou do desvio de caráter de um personagem desde a primeira infância?

Nessa perspectiva, outros aspectos, além dos elencados aqui para o estudo da criança enquanto categoria analítica certamente fogem da nossa análise, todavia, permanecem dispostos na obra machadiana, incluindo todos os gêneros, para que diferentes estudos que abordem a personagem criança, possam, contribuir e expandir as pesquisas nas narrativas ficcionais brasileiras.

Portanto, nas *Memórias póstumas*, Brás Cubas apresenta, desde a infância, o caráter medíocre e cruel das relações sociais que permeavam a sociedade burguesa do século XIX: calcada no dinheiro, na propriedade, nos casamentos por convenção, na política de favores e na escravidão. Todavia, Machado de Assis apresenta essas características no perfil do herói de maneira tão cínica e irônica, que o leitor pode sentir-se convocado a refletir e elaborar seus próprios julgamentos sobre o personagem.

Referências

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2015.

Página | 44

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 4º ed. São Paulo: Globo, 2001.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2012.

THE GRACEFUL FLOWER OF THE CUBAS TREE

Abstract

Página | 45

In this article, we seek to analyze the child as an analytical category. To do so, we read two chapters of the work *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, which was published in book form in 1881, since then, the novel is considered by critics as the landmark of realism in Brazil. In this work, as well as in others, Machado de Assis draws attention not only for the human conduct of his adult characters, but also when they are children, so that childhood is represented in a different perspective from what we usually find in literary works. In the selected chapters, Brás Cubas remembers his childhood from birth, so, according to our hero, the “mischief”, the expectations around him, and the education he receives in his family nucleus are responsible for the formation of his marked character through conflicts and failures. Thus, based on the novelist's critical fortune, such as Alfredo Bosi (2015), Roberto Schwarz (2012), Raymundo Faoro (2001) and Antonio Candido (2011), we aim to contribute to discussions about the representation of child characters in narratives Machado's.

Keywords:

Machado de Assis. Kid. Character.

Recebido em: 30/09/2020

Aprovado em: 10/04/2021